

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A COMUNIDADE IMAGINADA GALO-ROMANA NO POEMA *MOSELLA*, DE AUSÔNIO (SÉC. IV D.C.)

Anderson Leonardo Vaz Stein

Mestrando em História – Universidade Federal do Espírito Santo

Email: andersonstein31@gmail.com

RESUMO

O *Mosella*, de Ausônio, é conhecido por ser o único poema da antiguidade a se ater a um rio como temática central de seus versos, dado que pode ser aferido por seu título, homônimo do próprio rio Mosela. Escrito na Antiguidade Tardia, mais especificamente no século IV d.C., a obra vem suscitando o interesse de acadêmicos, sobretudo a partir do século XX, acerca de sua multiplicidade de abordagens, influências e referências as quais o documento está estruturado. Ademais, as discussões se intensificam no que tange a compreensão da realidade construída pelo autor e suas possíveis intencionalidades políticas. O poema foi escrito no contexto da corte imperial do ocidente, ocasião em que Décimo Magno Ausônio foi tutor de Graciano, filho do imperador Valentiniano. A proximidade com a família imperial e as circunstâncias políticas do contexto sugerem que a obra é dedicada a exaltar o imperador. Nossa proposta é apresentar as principais evidências, que fazem do *Mosella* um documento político, vinculado não apenas ao governante, mas também voltado para as elites galo-romanas. Nesse caso, por meio de um amálgama de referências simbólicas que compartilhadas apresentam esse grupo social como coeso e responsável pela manutenção das instituições romanas.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia; Ausônio; *Mosella*.

Introdução

A presente comunicação tem por objetivo discutir a construção de uma representação coletiva a partir do poema *Mosella*, de Ausônio, datado do século IV d.C. Nesse caso, através do conceito de comunidade imaginada analisamos as linhas gerais as

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

quais o autor estrutura sua interpretação sobre a realidade, tecendo analogias com o arcabouço de referências da literatura latina clássica e conseqüentemente, conectando essa posição ao contexto político específico a documentação estava vinculada.

O 'Mosella' e seu contexto histórico

O *Mosella* é uma composição poética executada em hexâmetros dactílicos, em 483 versos, em que sua temática central é voltada para o rio homônimo, Mosela.¹ Rio este, que na época estava localizado na Gallia Belgica, conhecido por sua navegabilidade e propensão à logística comercial e de guerra, o que possibilitou o desenvolvimento de cidades prósperas como *Opiddum Ubiorum* e, sobretudo, *Augusta Treverorum*. Embora o rio seja o personagem principal, a obra se caracteriza por uma miscelânea de temáticas abordadas sobre aquele universo, a natureza, as habitações, os homens e seus costumes. O *Mosella* é uma típica composição poética tardo antiga, na qual o enquadramento em determinados gêneros literários é uma tarefa árdua. A título de exemplo a obra já foi considerada hino, elegia, idílio, epílio, itinerário, sátira e poema didático (CHARLET, 1988, p. 77-78). De toda forma, dada sua riqueza de detalhes e diferentes abordagens, é uma das principais obras de Ausônio as quais nós acadêmicos nos debruçamos.

Décimo Magno Ausônio nasceu em *Burdigala*, na *Gallia Aquitania* em 310. Oriundo de uma aristocracia gálica por parte materna e de uma obscura origem paterna, provavelmente grega, Ausônio teve sua vida voltada para a educação e para a literatura (HOPKINS, 1961, p. 241). Em sua juventude teve a formação delegada a seu tio Emílio Magno Arbório, conhecido por tutelar um dos filhos de Constantino (BOOTH, 1982, p. 331). Na vida adulta, Ausônio desempenhou as atividades de professor de gramática e de retórica na escola de *Burdigala*. Sua ascensão se deu quando, na década de 360, foi

¹ O hexâmetro dactílico, também identificado como verso épico ou heroico, é a primeira forma de verso grego a qual se conhece. Empregada inicialmente em obras como *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, adiante foi utilizada nas composições latinas, como na *Eneida*, de Virgílio (PANTE, 2002).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

convidado para tutelar Graciano, filho do imperador no Ocidente, Valentiniano (SIVAN, 1993, p. 101).

Na ocasião a capital da corte ocidental estava localizada em *Augusta Treverorum*, na *Gallia Belgica*, cidade banhada pelo rio Mosela. A partir de então, Ausônio ganhou projeção em sua produção poética e ascendeu a cargos públicos seguindo o *cursus honorum*. Nessa oportunidade escreveu o poema *Mosella*, inspirado pela experiência ao longo do rio quando acompanhou Valentiniano e Graciano em uma comitiva de guerra contra os alamanos (1993, p. 383).

O documento que melhor permite aferirmos a difusão do Mosela à época de Ausônio é uma epístola escrita por Símaco e dedicada ao poeta. Símaco foi um aristocrata itálico que construiu uma amizade com Ausônio, a partir do período em que conviveram na corte de *Augusta Treverorum*. De volta a Roma, Símaco relata em sua epístola sobre uma obra poética de seu amigo que equiparou o rio Mosela aos rios Nilo e Dom, e afirmou que “o poema consagrou um rio através de versos divinos” (Symm. Ep. XIV). O aristocrata itálico questiona o fato de a obra já estar circulando nas mãos de muitos enquanto o mesmo, apesar intimidade, ainda não havia recebido uma cópia das mãos do próprio Ausônio. É provável que o documento tenha circulado majoritariamente nos círculos de leitores galo-romanos, todavia, a constatação de Símaco, assegura que a obra era difundida para a península itálica, fazendo presumir que foi conhecida por uma gama considerável de leitores do latim.

Inserida no contexto histórico do *Dominato*, o *Mosella* foi constantemente associado pela historiografia ao governo de Valentiniano e por consequência como uma propaganda para este governante e sua casa imperial.² A presente discussão não pretende desconsiderar a pretensão de que Ausônio estivesse exaltando o imperador, o que pode ser aferido por meio de evidências do próprio texto e a partir da circunstância à qual o autor estava subordinado no momento em que o documento foi composto. Contudo, retiramos o olhar que se centra no imperador como figura do documento e procuramos compreender melhor como Ausônio, um galo-romano oriundo da *Aquitania*, interpretou,

² Os principais autores que discutem a questão são Friedrich Marx (1931) e Charles-Marie Ternes (1970).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

compôs e difundiu uma ideia de quem seriam aqueles indivíduos, galo-romanos, que habitavam as margens do Mosela o qual contemplou.

A partir do conceito de Comunidade Imaginada, Benedict Anderson explica que toda comunidade maior que uma aldeia – e talvez ela mesma –, onde se expressa a interação face a face de seus habitantes, constitui uma comunidade imaginada. Considera-se imaginada, visto que, mesmo nas menores dessas comunidades, é impossível que a totalidade de seus membros venham a estar em contato direto uns com os outros, mas isso não impede que ali exista um sentimento de comunhão e de partilha de valores em comum. O ato de imaginar, seria, pois, amparado principalmente por meio de símbolos que compartilhados, por esses diferentes indivíduos, seriam capazes de produzir um sentimento de paridade e de comunidade (ANDERSON, 2008, p. 32-33).

Dessa forma, a exaltação ao imperador não mais se reduz, como já feito pela a historiografia, como uma simples referência aos feitos de guerra de governante e de sua casa. Essa construção política vai além. Averiguamos, que a comunidade imaginada construída simbolicamente pelo poeta promove uma ideia de união, partilha de valores e ausência de conflitos entre uma aristocracia gálica em comum, alinhada ao governante e, dessa forma, capaz de manter um *status* romano, nas esferas cultural, política e militar, no *limes* do Reno.

Tal constatação se faz a partir da análise do contexto histórico da obra, que permite afirmamos que a ideia de uma elite galo-romana coesa é um plano puramente idealizado do poeta. No ano de 367 Valentiniano enfrentou dificuldades de legitimação, em especial na ocasião em que adoeceu e, na ausência de sucessores diretos, duas facções Gálicas emergiram na cena política propondo figuras para uma possível vacância de poder. Em paralelo o Ocidente sofria com a insurreições, em especial dos pictos na Britania. Recuperado, Valentiniano reagiu transferindo a corte de Amiens para *Augusta Treverorum*, de onde preparou incursões de guerra, contra os povos germânicos além do *limes* do Reno, em uma alternativa para demonstrar seu valor de comando (SIVAN, 1993, p. 99-101). Mas, preparar um sucessor também se fazia necessário. Seu filho mais, velho, Graciano, ainda na infância, carecia de uma formação intelectual que o habilitasse, ao menos aos olhos das aristocracias gaulesas, para o exercício futuro da governança.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Embora esses termos não sejam explícitos na documentação, é presumível que nesse cenário em que a figura de Ausônio foi inserida na corte.

Ora, se estava agora na condição de tutor do filho do imperador, Ausônio também poderia exercitar sua produção poética, e agora, em uma posição privilegiada difundir tal produção. Se Valentiniano fazia sua parte em um esforço de guerra, no qual um dos motivos estava em afirmar uma própria condição de líder vitorioso na esfera militar, Ausônio também poderia aproveitar a oportunidade para produzir uma obra, inspirada em parâmetros épicos, em que a terra da *Gallia Belgica* fosse vangloriada ao lado dos galo-romanos e de seu governante.

Nesse caso, a mensagem do *Mosella* é clara. O conflito existe. Porém é entre nós e os outros, entre romanos e “bárbaros”. Todas as disputas políticas entre diferentes aristocracias gálicas averiguadas pela historiografia são suprimidas pelo poeta e dão lugar uma realidade idealizada, com valores e objetivos únicos, uma comunidade imaginada. O maior apelo a legitimidade do governante está aí, o poeta conclama aos seus leitores, uma ideia de unidade em prol da lealdade a Valentiniano.

Nesse sentido, identificamos que o principal recurso simbólico para construir a comunidade imaginada galo-romana do Mosela, são hábitos, costumes e símbolos próprios de uma cultura clássica que remonta ao período a República Tardia e o início de Principado.

Não em vão, tais referências são pontuadas a partir de um arcabouço cultural próprio daquele indivíduo dotado do ofício poético, nesse caso, a alusão a passagens de Virgílio e Ovídio, por exemplo, são exigências daquela que se pretende uma “boa” obra latina. Mas, poderíamos argumentar essas referências a obras e aspectos culturais próprios daquele período histórico anterior estaria estritamente relacionada a questões de forma e gênero quanto a confecção da poesia, como se tais dados fossem meras referências restritas ao ofício do poeta. No entanto é essencial que atentemos para os aspectos políticos de se empregar tais referências nos textos.

Isso se afirma em função de na Antiguidade Tardia, tanto no Oriente, quanto no Ocidente as elites, em especial aquelas provinciais se apropriaram cada vez mais de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

elementos simbólicos, dito clássicos, como um recurso de afirmação própria de uma romanidade e de distinção perante outros estamentos sociais, ou mesmo, diante da ameaça bélica e cultural de povos “bárbaros” que cada vez mais ameaçavam o *limes* e a integridade desse mundo “romano” (BROWN, 1992, p. 36-37); (CAMERON, 2011, p. 404-405). Ora consideremos então que a comunidade imaginada desenvolvida por Ausônio comunicava a seu público leitor o que se pensava ser.

Mas, devemos considerar que essa cultura “clássica” não deve ser compreendida como um dado inato. Haja visto que ela própria é construída e reapropriada pelo autor de modo que, determinados pontos destacados, ou mesmo a ausência de outros pode revelar características próprias e regionais dessa comunidade, pensadas pelo autor.

De forma geral o *Mosella* pode ser dividido nos seguintes recortes: a viagem de *Vincum* a *Noviomagus* (vv. 1- 25); a saudação ao Mosela (vv. 24-84); o catálogo de peixes (vv. 85-149); a paisagem do Mosela (vv. 150-168); os sátiros e as ninfas (vv. 169-188); os navegantes (vv. 189-239); a pesca (vv. 240-282); as vilas do Mosela (vv. 283-348); o catálogo de afluentes (vv. 349-374); os habitantes do Mosela (vv. 375-414); o Reno (vv. 415-437); o selo do poeta (vv. 438-468) e a saudação final (vv. 469-483).³

A Comunidade Imaginada do ‘Mosela’

Ao longo desses recortes Ausônio lança mão de referências que fazem do rio uma reprodução em maior escala, um universo em miniatura do Império Romano. São citações, comparações, assimilações a deuses, personagens mitológicos, personagens históricos, lugares, rios, montanhas, cidades, mares. Elementos que fazem o leitor latino tardo antigo, com sua formação estruturada nos textos clássicos, a partir da *paideia*, se sentir familiarizado com o conteúdo do texto e capaz de inserir aquele espaço da *Galia* em uma tradição cultural que remonta à tradição romana.

³ Trata-se da divisão disponível na edição do *Mosella* publicada pela Gredos (1990). O texto original não possui intertítulos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

De todo modo, vamos nos centrar sobre a descrição dedicada as pessoas, aos habitantes que compõem aquele universo ribeirinho do poeta. De maneira geral podemos dividir as pessoas do *Mosella* em dois grupos. Primeiro, um grupo elitizado, que denominamos *nobilitas*, vinculado à administração estatal ou com alguma forma de prestígio social e econômico. O outro grupo se trata das pessoas comuns a quem designamos *populus*, são habitantes sem alguma forma de prestígio social, componentes do amálgama de elementos da paisagem moselana. Não apenas suas características, mas também a forma como são abordados pelo poeta, distingue os dois grupos.

O primeiro grupo é citado na forma de saudação sendo comparados a personagens e instituições romanas, vejamos o exemplo:

Salve, poderosa mãe de frutos e homens. Teus ilustres nobres, tua juventude treinada para guerra, tua eloquência que rivaliza com a língua de Roma – estas são tuas glórias, ó Mosela! Além disso, a natureza a teus filhos concedeu os costumes, um espírito alegre e uma frente prudente. Roma não é a única a se alardear dos antigos Catões, nem Arístides, que ilumina a antiga Atenas, está sozinho como crítico de Justiça e Direito (Mos., 381-388).

De quem não falarei? Devo mencionar teus pacíficos lavradores, teus habilidosos homens da lei, teus poderosos defensores, baluarte dos acusados – aqueles em que o conselho de seus cidadãos tem visto seus principais e um Senado próprio, aqueles cuja famosa eloquência na escola de jovens os eleva ao alto renome do velho Quintiliano, aqueles que têm governado suas próprias cidades e derramam glória em tribunais sem mácula de sangue e machados sem a culpa da matança [...] (Mos., 398-404).

Nesses excertos nos deparamos com categorias como *ilustres nobres, juventude treinada para a guerra, habilidosos homens da lei, defensores, um conselho de cidadãos*, sendo que a categoria de *lavradores* aparece como uma exceção nos trechos, pois são frequentemente mencionados em outros contextos. Adiante, tais personagens que compõem essa *nobilitas* do Mosela são associados a comportamentos, valores e figuras históricas que fazem parte de um arquétipo de cidadão que remonta as cidades de Roma e Atenas. São referências a Catão, Arístides e Quintiliano, são os institutos da guerra e do direito, a emulação de um senado aos da glória que a instituição teve na república.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O segundo grupo, os indivíduos comuns, ou o *populus*, são apresentados de modo diferente. Parecem se misturar com os outros elementos do rio, na medida em que são apropriados pelo poeta como uma parte de um todo dentro da paisagem ribeirinha. São referências ao colono (*Mos.*, 23; 163; 206), os “comuns” (*Mos.*, 125), os meninos (*Mos.*, 125), a plebe (*Mos.*, 127; 163), o viajante (*Mos.*, 165), o barqueiro (*Mos.*, 48;166; 196; 223) e o agricultor (*Mos.*, 163; 400).

Embora o texto seja permeado dessas referências clássicas, as evidências relacionadas a esse *populus* são aquelas que permitem melhor compreendermos a negociação de valores regionais na construção de um ideal romano por parte do poeta e na reelaboração dos valores clássicos. Um exemplo disso é a prática da pesca, que embora seja depreciada em textos latinos e gregos (CORCORAN, 1963, p. 102), na ocasião do Mosela é rememorada como prática cotidiana, de subsistência para a população local. Embora na tradição latina a prática poderia ser tida como covarde em comparação com a caça, no poema Ausônio chega a tecer tons de periculosidade e belicosidade para a prática.

Eu mesmo vi peixes estremecendo em espasmos de morte, convocando seu último suspiro e saltando alto no ar, lançando a si próprios em cambalhota rio abaixo, ganhando mais uma vez as águas que eles nunca mais esperavam. Doravante, impaciente com sua perda, o impetuoso rapaz se lança em mergulho, à procura – pobre tolo – de pegar a presa a nado. Da mesma forma que Glauco de Antedon, o pescador do mar da Beócia que provou as ervas mortais de Circe através das plantas do peixe moribundo, mergulhou no mar Cárpatas para encontrar uma nova morada [...] (*Mos.*, 270-280).

Em outros casos o *populus* protagoniza um dos momentos mais icônicos do *Mosella*, a *naumachia* no rio. Trata-se de um momento no qual o poeta associa o navegar dos barqueiros aos eventos aquáticos populares no fim da República e Início do Principado, quando batalhas navais eram emuladas a fim de prestigiar determinado governante.

E quando os esquifes com remos imitam uma batalha no meio do curso, quão agradável espetáculo é proporcionado à visão! Elas circulam para dentro e para fora, roçando as lâminas que brotam da turfa cortada ao longo dos bancos esverdeados. O lavrador, mantendo-se acima dos bancos, assiste como os proprietários alegres pulam da popa para a proa, a jovem tripulação se dispersa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pela longa extensão rio sem perceber o deslizar do dia, mas colocam a brincadeira antes dos negócios, enquanto o presente prazer afasta os cuidados de outrora. Como os jogos os quais Liber contempla na maré de Cumas, quando ele caminha fora das cultivadas colinas do fumegante Gauro, ou quando passa através dos vinhedos nas plumas de fumaça do Vesúvio. Quando Venus, feliz com a vitória de Augusto na Ática, mandou os amores atrevidos promulgarem em mímica combates ferozes, como o travado entre os navios do Nilo e os trirremes de Roma sob Leucas, posse de Apolo; ou quando os barcos de Eubeia repetem, sobre as águas do ecoante Avernus, os perigos da batalha de Milas na Guerra da Pompeia; como as inofensivas investidas dos barcos e lúdicas batalhas da naumachia na qual o mar sóbrio repete no olhar da verde imagem do Péloro siciliano – tal a aparência que a juventude, o rio e os esquifes de proas pintadas emprestam a estes alegres rapazes (*Mos.*, 200-221).

Nesse caso o rio se apresenta como um anfiteatro natural, em que os barqueiros protagonizam um espetáculo prestigiado pelos lavradores, que para seu ofício para assistir vai e vem dos barcos. Esses homens comuns, protagonizam um evento de grande monta e simbolismo para a cultura romana, só que a partir de uma visão regional e reapropriada do evento.

Considerações Finais

Em síntese os habitantes do *Mosella* compartilham um ambiente eivado de símbolos e significados e eles mesmos vivenciam comportamentos que remontam a uma tradição greco romana, embora, isso demonstra como essa visão sobre o clássico é construída e reapropriada e mesmo, valores regionais ganham protagonismo. A formulação do arquétipo de um cidadão galo-romano a partir dos habitantes do Mosela é uma construção política que permite uma diferentes grupos galo-romanos, com diferentes ambições a cultivarem uma ideia de comunidade e adesão ao projeto imperial em questão.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REFERÊNCIAS

Documentação Primária

DECIMUS MAGNUS AUSONIUS. *Mosella*. Traducción de Antonio Alvar Ezquerra. Madrid: Gredos, 1990. v. 2.

DECIMUS MAGNUS AUSONIUS. *Mosella*. With an English Translation by Hugh Gerard Evelyn-White. London: William Heinemann, 1919. v. 1.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DECIMUS MAGNUS AUSONIUS. *Epistula Symmachi ad Ausonium*. With an English Translation by Hugh Gerard Evelyn-White. London: William Heinemann, 1919. v. 1.

Obras de apoio

PANTE, M. R. Estudo da métrica de um epigrama latino produzido no Brasil no século XVIII. In: VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2002, Rio de Janeiro. *Anais Eletrônicos*. Disponível em: <filologia.org.br/vicnlf>. Acesso em: 11 mar. 2020.

CHARLET, J. L. Aesthetic trends in Late Latin Poetry. *Philologus*, v. 132, n. 1, p. 74-85, 1988.

HOPKINS, M. K. Social Mobility in Late Roman Empire: The Evidence of Ausonius. *The Classical Quarterly*, v. 11. n. 3. p. 239-248, 1961.

BOOTH, A. D. The academic career of Ausonius. *Phoenix*, v. 36, n. 4, p. 329-343, 1982.

SIVAN, H. S. *Ausonius of Bordeaux: Genesis of a Gallic Aristocracy*. New York: Routledge, 1993.

MARX, F. Ausonius' Lied von der Mosel. *Rheinisches Museum für Philologie*, v. 80, n. 4, p. 368-392, 1931.

TERNES, C. -M. Paysage Réel et Coulisse Idyllique dans la Mosella. *Revue des Études Latines*, v. 48, p. 376-397, 1970.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BROWN, P. *Power and Persuasion in Late Antiquity Towards a Christian Empire*. Madison: The University of Wisconsin, 1992.

CAMERON, A. *The Last Pagans of Rome*. Oxford: Oxford University, 2011.

CORCORAN, T. H. Roman Fisherman. *The Classical World*, n. 4, v. 56, p. 97-102, 1963.